

# Os "rounds" da Nuclebrás

por Mateus Kacowicz

Em meio às surdas disputas que têm marcado a implantação do programa nuclear brasileiro, uma coisa é certa: os partidários do acordo Brasil-Alemanha ganharam dois "rounds" seguidos no final do ano passado. O primeiro, ao ser criada uma subsidiária da Empresa Nuclear Brasileira (Nuclebrás) chamada Nuclebrás Construtora de Centrais Nucleares (Nucon), encarregada de construir as usinas que, até então, estavam entregues a uma subsidiária da Centrais Elétricas Brasileiras (Eletrobrás), a Furnas Centrais Elétricas; o segundo, ao ser atribuído à mesma Nuclebrás, quando da divisão do bolo orçamentário, um volume de recursos para investimentos de Cr\$ 75,8 bilhões, o que significa que esta empresa irá gerir um volume de dinheiro superior em 760% ao que estava acostumada.

O mais significativo da vitória do primeiro desses "rounds" foi que ele representou um corte no cordão que ligava as centrais nucleares ao sistema Eletrobrás, e isto num momento em que mal se completava a transição na direção desta empresa: seu antigo presidente, Maurício Schuman, incompatibilizava-se com o ministro das Minas e Energia, César Cals, por não se conformar com os restritos recursos de que dispunha para tocar o ambicioso programa de construção de barragens, transmissão de energia e, ainda, manter em operação um sistema de distribuição que já dá sinais de esgotamento. O novo presidente, general José Costa Cavalcanti, cujas simpatias pelo programa nuclear nunca chegaram a ser divulgadas, mal tomou posse e perdeu o controle sobre a implantação do programa, que agora — com exceção da operação das usinas, quando prontas — corre totalmente alheio à Eletrobrás.

Quanto ao segundo "round", este causou mais reações, apesar de ser simples decorrência do primeiro. Os Cr\$ 75,8 bilhões atribuídos ao grupo Nuclebrás são superiores, por exemplo, aos investimentos previstos no programa do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER); equivalentes ao da Rede Ferroviária Federal (RFFSA) e pelo menos mais 10 vezes superiores a todos os investimentos federais em educação e cultura e quase 20 vezes aos destinados à saúde. Com relação a outras empresas de energia, os investimentos nas usinas nucleares correspondem a praticamente metade de todos os demais investimentos do setor elétrico no País, com exceção de Itaipu (a Eletrobrás recebeu uma dotação de Cr\$ 153,6 bilhões); além disso, a Nuclebrás recebeu o equivalente a três quintas partes dos investimentos globais que a Eletrobrás está autorizada a realizar este ano, mesmo com a ênfase divulgada pelo governo de descobrir petróleo.

Atualmente, as usinas Angra II e III estão em fase de ter suas obras transferidas à responsabilidade da Nucon: toda a documentação e procedimentos serão transferidos de Furnas para a Nuclebrás, embora o procedimento não seja necessariamente o mesmo em relação ao pessoal alocado pela subsidiária da Ele-

trobrás. Paralelamente, a holding do sistema elétrico brasileiro, que emudeceu depois da mudança de chefia, já deixa vaziar algumas queixas. A primeira delas é a de que, para manter em andamento normal seus projetos de construção de barragens e linhas de transmissão de energia, seria necessário pelo menos o dobro dos Cr\$ 153 bilhões alocados pelo governo. Na prática, portanto, apesar da mudança de estilo, prevalecem os mesmos argumentos: o setor elétrico está subalimentado de dinheiro e corre o risco de entrar em colapso dentro de alguns anos. Há obras em atraso, como a do chamado "linhão", entre Tijuco Preto, em São Paulo, e Ivaiporã, no Paraná, destinado a transportar energia das usinas de Salto Santiago e Foz do Areia para o mercado paulista. O "linhão", com capacidade de 2 mil megawatts em 730 quilovolts, suplementaria os atuais 400 MW de capacidade da linha de transmissão existente entre Paraná e São Paulo. Ainda na área de transmissão de energia, os técnicos lembram que este "linhão" é a alternativa para as linhas de corrente contínua — igualmente atrasadas — que deve-

rão transportar a energia gerada pelo lado paraguaio de Itaipu: caso o corte orçamentário sobre as linhas de corrente contínua seja inamovível e o "linhão" não fique pronto em tempo, o mercado do Sudeste brasileiro não terá tão cedo a energia elétrica gerada pela usina de Itaipu. As obras do "linhão", garantem os técnicos, já têm seu cronograma atrasado em um ano. Outros atrasos: usina de Itaparica, entre Bahia e Pernambuco; usina de Ilha Solteira; e o conjunto de usinas paulistas (Porto Primavera, Taquaruçu e Rosana).

Portanto, se houve vitórias para os defensores do acordo nuclear Brasil-Alemanha, houve derrotados. Ou, pelo menos, insatisfeitos. Uma das conclusões a que chegam observadores do setor é a de que a forte alocação de recursos orçamentários à Nuclebrás não foi do agrado do ministro do Planejamento, Delfim Netto, o qual não estaria satisfeito em aplicar tanto numa área que só lhe apresentaria resposta econômica a longo prazo. Ainda nesta linha, não se pode ignorar a afirmação do ministro das Minas e Energia, César Cals, que, recentemente, deixou es-

capar a informação de que o programa nuclear brasileiro só estaria concluído no ano 2000, em vez de em 1995, conforme o último cronograma.

Mais claros são pronunciamentos que voltam a se avolumar no setor privado e nas áreas técnicas e científicas não vinculadas ao governo, que recolocam a questão da oportunidade do próprio acordo. O presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Albano Franco, foi taxativo ao se manifestar contrariamente à "acentuada prioridade concedida ao programa nuclear, cujos recursos poderiam ser alocados em outros programas de reciclagem energética". Postura igualmente contundente foi assumida pelo diretor da Associação Brasileira de Física e membro da Comissão de Energia Nuclear da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Alfredo Aveline. Ele defende a tese de que as duas usinas já em estágio adiantado de construção, Angra I e II, sejam transformadas em centros de pesquisa, abandonando-se as demais, e afirma: "Já se colocou muito dinheiro fora, está na hora de parar".